

O edificante em Hegel e Kierkegaard

Inácio Pinzetta¹
inaciopinzetta@ig.com.br

O interesse de Kierkegaard pelo tema da edificação e do edificante manifesta-se não apenas pelos muitos discursos seus qualificados de edificantes – nove em 1843, nove em 1844, vários em 1847 e mais um em 1850 –, mas também pela importância que dá a ele em outros trabalhos seus, como, por exemplo, ao final de *A alternativa*, no *Sermão do pastor da Jutlândia*, um capítulo inteiro, o primeiro da Segunda Parte de *As obras do amor* (1847), que traz por título “O amor edifica”, e principalmente no *Prefácio de A doença para a morte*, com o subtítulo “Um desenvolvimento de psicologia cristã e para a edificação e tomada de consciência”. O tema da edificação, que percorre de início ao fim a sua obra, tanto nas assinadas por ele quanto nas pseudônimas, constitui-se num dos assuntos mais caros para Kierkegaard.

Ao final do livro *A alternativa*, no *Ultimatum*, o autor inicia sua reflexão a partir do texto do Evangelho de Lucas (Lc 19,41-48) que relata o choro de Jesus porque sente que a cidade de Jerusalém vai ser destruída por causa da maldade dos seus habitantes, principalmente a dos seus dirigentes. Ora, poderia muito bem o leitor de *A alternativa* pensar que a destruição da cidade obedecia a lógica: culpa-castigo, classificando as pessoas em justas e injustas, boas e más, íntegras e perversas, mas o autor não dá muito tempo para o leitor seguir neste caminho de reflexão e apresenta dois episódios bíblicos para elucidar e sustentar a tese de que todos os homens são culpados diante de Deus. O primeiro diz respeito aos galileus assassinados por Pilatos enquanto estavam oferecendo, em ato sagrado, seus sacrifícios. O segundo relata um acidente casual, a queda da torre de Siloé, matando 18 pessoas (cf. Lc 13,1-5). Nem os assassinados por Pilatos, nem os esmagados pela torre eram mais culpados que todos os galileus e todos os habitantes de Jerusalém. O autor dirige-se ao leitor com esses termos: “Quando se diz que não deves lutar contra Deus, isto quer dizer que não deves pretender ter razão contra Deus, e é apenas compreendendo que és culpado que podes lutar contra Ele. Diante de Deus o homem é sempre culpado e não deve, por conseguinte, pretender ter razão alguma diante dele. O pensamento de ser culpado diante de Deus é um pensamento edificante por duas razões. Primeiro, porque exclui a dúvida, segundo, porque move a pessoa para a ação. Ora, se a pessoa tem consciência de que diante de Deus ela é sempre culpada e Deus é sempre justo, não tem razão para se perguntar diante dos infortúnios da vida: será que sou culpado? Será que Deus não está sendo injusto ou severo demais em relação a mim? A pessoa que se sabe culpada diante de Deus não

¹ Mestre e doutorando em Filosofia pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

perde tempo fazendo questões desta ordem e se põe logo a agir, para elevar-se, para edificar-se. Ela deve assumir todas as conseqüências de sua culpabilidade e agir. O autor conclui seu sermão com a frase: “Só a verdade que edifica é verdade para ti”. Portanto, não se trata de qualquer verdade, mas da verdade com vistas à edificação do indivíduo.

O pensamento de que diante de Deus somos sempre culpados é retomado e desenvolvido em *Estádios no caminho da vida*² e no *Evangelho dos sofrimentos* (1847), o qual toma como referência, no seu quarto capítulo, a frase pronunciada por um dos criminosos no alto da cruz: “Para nós é justo, porque estamos recebendo o que merecemos, mas ele [Jesus] não fez nada de mal” (Lc 23,41). No *Evangelho dos sofrimentos*, Kierkegaard insiste nestas duas proposições: diante de Deus todos os homens são sempre culpados, e Deus é amor. Estas duas proposições apontam para a possibilidade da reconciliação entre o homem e Deus. Se o homem se sente culpado, terá, em conseqüência, uma tarefa a realizar. Se, por outro lado, não tem essa consciência de ser sempre culpado diante de Deus, desesperar-se-á diante dos sofrimentos, não saberá por que sofre e não terá nada a fazer senão desesperar-se. Se pudesse atribuir seus sofrimentos a Deus e ter razão diante dele, o seu desespero e o seu temor teriam razão de ser na medida em que as tarefas da fé, da esperança, do amor, da obediência têm seu fundamento na certeza de que Deus é amor.

Quando um homem se sente culpado diante de Deus, como no caso a que Kierkegaard se refere, – o criminoso suspenso no lenho do suplício e da morte – manifesta-se nele o reconhecimento desta verdade: de ser culpado diante de Deus. No entanto, como entender a relação de alguém ser sempre culpado diante de Deus se este alguém for inocente diante de nossos olhos? Dizemos, neste caso: é uma prova! Deus prova o homem! Dentro deste contexto, Kierkegaard (1966, p. 280) analisa a narrativa de Jó. Quem seria capaz de dizer que Jó sofre porque é culpado se o próprio Deus é quem afirma: “Na terra não existe nenhum outro como ele: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e evita o mal”? (Jó 1,8). Jó sofre, ele que não cometeu nenhum crime, não transgrediu a lei e é elogiado por Deus e pelos homens. Aparentemente Jó é inocente, no entanto, como todo homem, é sempre culpado diante de Deus na medida em que a relação fundamental entre Deus e o homem é aquela do santo e do pecador. Diante de Deus, um homem não é pecador nisto ou naquilo, mas essencialmente pecador; não é culpado de tal ou tal falta, mas essencial e incondicionalmente culpado. Mas se ele é essencialmente culpado, ele o é sempre, porque a dívida da falta essencial é tão profunda que não permite nenhum ajuste de contas direto. Nas relações inter-humanas, pode-se ter razão num ponto e culpa no outro, ser inocente numa circunstância e culpado noutra, mas este tipo de relação não é possível entre Deus e o homem porque, neste caso, Deus não seria Deus, mas semelhante ao homem, e, neste caso, a falta não seria essencial.

Na vida cotidiana, o ser humano não tem consciência a cada instante desta relação fundamental, a saber, de estar sempre culpado diante de Deus. O homem não suportaria o peso desta verdade. Ninguém seria capaz, por exemplo, de suportar a idéia, a cada dia, a cada hora, todo instante, de que é mortal, de dizer para si mesmo esta verdade intransferível: sou mortal, um dia irei morrer! Na vida cotidiana, nós agimos mais ou menos nos conformando com a regra humana, mas a verdade de que diante de Deus somos sempre culpados permanece a cada dia e a cada instante no fundo de nossa alma. Quando o impaciente, porém, quer de alguma forma se revoltar contra Deus, pretendendo obter ganho de causa, a relação fundamental se dirige contra o impaciente, o qual aprende que em relação a Deus o

² Editado sob o pseudônimo de Hilarius Bogbinder (30 de abril de 1845).

homem é essencialmente e, por conseguinte, sempre culpado. O homem não deve pensar que o seu sofrimento seja o pagamento de uma falta precisa. Aquele que sofre, aos nossos olhos, como inocente, deve crer que é sempre culpado diante de Deus. Os amigos de Jó quiseram dizer-lhe que ele era culpado diante de Deus. Nisto falaram a verdade. Não se deram conta, no entanto, de que também eles eram culpados diante de Deus. Diante de Deus ninguém é inocente. Jó aprende a verdade de que o homem é essencialmente culpado só quando abandona os amigos e volta-se para si, na sua consciência diante de Deus.

O pensamento de sentir-se culpado diante de Deus traz em si duas conseqüências, a saber, a cessação da dúvida e o impulso para a tarefa. É edificante, portanto, o pensamento de sentir-se sempre culpado diante de Deus. O que entende Kierkegaard por edificante? Na língua alemã, *erbauen* (edificar), *erbaulich* (edificante), *Erbauung*³ (edificação) são palavras ligadas, originalmente, a outras palavras do tipo *anbauen* (cultivar, plantar, construir, através da cultura, do trabalho, como, por exemplo, cultivar um pomar – *Feldfrüchte*); *aufbauen* (equipar, preparar). São palavras, portanto, que apontam, lexicalmente, para o cultivo da terra, a construção de casas, edifícios. Esta palavra se tornou mais conhecida com o uso que Lutero fez na tradução da Bíblia para o alemão – *aufbauen*: desenvolver, edificar, implicando a idéia de construir para cima, de elevar. A partir do século XVIII esse campo semântico passou a ter também um valor metafórico, estando ligado aos valores éticos e religiosos.

Edificar é uma expressão transposta (Kierkegaard, 1980, p. 195). O que há de mais próprio e característico no edificar é o construir a partir de uma base. Todo aquele que edifica constrói, porém, nem todo aquele que constrói edifica. A edificação está intimamente ligada ao alicerce, ao fundamento. Kierkegaard toma o exemplo da construção de uma casa. Toda vez que se acrescenta uma peça ou se faz uma extensão, seja para o lado, seja para cima, não se diz que se tenha edificado tal e tal extensão, mas simplesmente construído ou ampliado. Se sobre um edifício de 30 metros acrescentarmos 20, não dizemos que edificamos esta parte acrescida, mas que o ampliamos ou o estendemos.

“Edificar significa levantar algo para cima partindo dos fundamentos” (Kierkegaard, 1980, p. 195). O que caracteriza o edificar não é a construção em si mesma ou a elevação, mas a construção a partir do fundamento. Sem fundação, sem base, não se pode edificar. Em dinamarquês, “edificar” é um termo composto de *bygge* (construir) e do prefixo *op* (para cima). Literalmente temos: “construir para cima”. Em alemão temos igualmente este significado expresso pela preposição *auf*, para cima; *bauen*: cultivar, construir. O movimento é de baixo para cima. No entanto, pelo exposto, se permanecermos ao pé da letra, apenas no trabalho da decodificação ou do desmanche da palavra, e nos ativermos somente ao prefixo *op*, não teremos o pleno significado do termo. A direção para cima não caracteriza o edificar, pois é necessário que o indicativo *para cima* tenha como seu ponto de partida uma base, uma fundação. Não é a direção para cima ou para baixo que caracteriza o edificar. Quando se cava um buraco em busca de água, não se diz que se edifica um poço, mas que se cava um poço. O movimento para baixo ou para cima apenas pode exercer a função complementar da edificação. O poço cavado é uma obra construída, mas não edificada, por carecer de fundação. É possível cavar sempre um pouco mais, ir um pouco mais fundo. Edificar, portanto, é construir partindo dos fundamentos. Na sua significação imediata, “edificação” é a construção erguida a partir de uma base, de uma fundação. Na sua significação imediata,

³ Cf. este verbete (Drosdowski e Grebe, 1963).

é fácil saber sobre o que se deve edificar uma casa, um prédio, um edifício⁴. Esse termo, na Sagrada Escritura, é utilizado muitas vezes no seu significado original e, depois, transposto/metafórico, ou seja, construção de casas, de torres, de dinastias e na edificação da pessoa. O homem originário, Adão, é formado da terra, e Eva é edificada (*banah*) sobre Adão. A tradução grega do hebraico transpõe *banah* por *oikodomeo*, palavra composta por *oikos*, casa, e *domeo*, construir, que tem sua versão para o latim por *aedificare*.

A questão torna-se complexa quando a palavra é expressa em sentido transposto, a saber, a edificação do ser humano, a edificação de uma comunidade, a edificação de um país. Sobre o que se deve edificar? Quais são os fundamentos sobre os quais se edifica o ser humano? O texto bíblico afirma e argumenta que apenas o amor edifica, mas tudo o que se faz e se diz deve estar a serviço da edificação, deve estar ligado diretamente à fundação⁵. Mas a mesma passagem bíblica aponta outros fundamentos para a edificação, a fé (cf. Jd 20), Jesus Cristo, a pedra angular, o fundamento de todo cristão (cf. Mc 12,10; 22,41; Lc 20,17). Em *As obras do amor*, Kierkegaard apresenta e desenvolve o tema da edificação a partir de Paulo e dos Evangelhos, e ali o amor é a base da edificação do ser humano. Já em *Doença para a morte*, Jesus Cristo, Deus feito homem, o paradoxo para a razão, é o fundamento da existência humana. No entanto, para Kierkegaard isto não cria dificuldade na medida em que Jesus é a expressão máxima do amor.

O tema do edificar, no seu sentido transposto, é assunto decisivo para a existência do indivíduo. Antes de escrever *A alternativa* e os *Discursos edificantes* de 1843, Kierkegaard registra, em seu *Diário*, em 10 de julho de 1840, o desprezo de Hegel ao edificante. “Curioso este ódio de Hegel pelo edificante que aparece em toda parte. Mas, longe de ser um narcótico que vos adormenta, o edificante é o amém de nosso espírito temporal e um aspecto do conhecimento não desprezível.” (Kierkegaard, 1950, p. 114). Conforme Kierkegaard, nessas linhas, o edificante é aquilo que ratifica, confirma e serve de fundamento para a nossa existência. É um conhecimento que ajuda a elevar o ser humano decaído em razão da própria culpa. Kierkegaard diz que o ódio de Hegel pelo edificante se manifesta em toda parte. Ora, se olharmos atentamente as obras do pensador de Stuttgart poderemos ver que muito raramente fala do edificante, pelo que podemos supor que Kierkegaard queira, pelo exagero da expressão, salientar o ponto para o qual quer chamar a atenção. Aqui é preciso destacar dois pontos. Primeiro, Hegel não tem propriamente aversão aos temas edificantes. Pelo menos, o jovem Hegel. Em 1792/1793, ao final de seus estudos filosóficos e teológicos, Hegel escreveu alguns sermões em Tübingen (*Tübinger Predigten*). Em 1793/94, publicou *Religião popular e cristianismo* (*Volksreligion und Christentum*), em 1795, *A vida de Jesus* (*Das Leben Jesu*) e, em 1798, *O espírito do cristianismo e seu destino* (*Der Geist des Christentums und sein Schicksal*). Nas correspondências entre o recém-formado Hegel e o ainda estudante Schelling percebe-se, principalmente por parte de Schelling, um desencanto com a teologia ensinada em Tübingen, e ambos orientam, é bem verdade, suas leituras e pesquisas no campo filosófico sobretudo lendo obras de Kant e Fichte e a filosofia grega. Schelling vai concentrando seu trabalho na filosofia da arte, filosofia da natureza e mitologia. Hegel tem como principal interesse trabalhar no sentido de elevar a filosofia ao estatuto de ciência, mas não abandona nunca os temas da religião e teologia, principalmente nas *Lições sobre filosofia da religião* e

⁴ Mateus 7,14s compara a edificação de uma casa sobre a rocha àquele que ouve a palavra de Jesus e põe em prática e compara a edificação sobre a areia àquele que ouve as palavras do Mestre e não as põe em prática. A fundação é decisiva.

⁵ “É diante de Deus, em Cristo, que falamos. E tudo, caríssimos, para a edificação de vocês” (2 Cor 12,19b).

Lições sobre a história da filosofia, mas o faz com o olhar de um filósofo. O segundo ponto a destacar é que Hegel, em 1807, cruza o Rubicão com a publicação da *Fenomenologia do espírito*, tornando seu nome e seu pensamento famosos. Tudo o que ali é escrito ganha uma nova e importante dimensão. O que ele objetiva é elevar a filosofia à condição de ciência⁶ e construir um sistema para o saber. Tudo o que é dito ali ganha uma dimensão muito ampla. O que Hegel fala a respeito do edificante não está, pois, em toda parte, mas talvez na melhor parte ou numa das partes mais importantes de sua obra filosófica, a saber, no *Prefácio à Fenomenologia do espírito* que tem repercussão e em todos os seus trabalhos posteriores. Nas *Lições sobre a história da filosofia* (1823/26), Hegel diz, após analisar a relação entre filosofia e religião, que os conteúdos mitológicos e religiosos devem ser excluídos da história da filosofia. Os primeiros, por serem fictícios, os segundos, por estarem ligados, não ao pensamento, à especulação, mas à devoção, ao sagrado, ao culto (cf. Hegel, 1975, p. 82-89). No *Prefácio à Fenomenologia do espírito*, na primeira referência que faz à edificação, Hegel diz que ela está relacionada ao belo, ao sagrado, à religião, ao amor, os quais se constituem em isca para seduzir o querer, e este caminho não leva ao conceito, mas ao êxtase (Hegel, 2000, p. 24). O que Hegel reivindica é o distanciamento da filosofia romântica do sentimento da especulação. “Quem só busca a edificação, quem pretende envolver na névoa a variedade terrena de seu ser-aí e de seu pensamento, e espera o prazer indeterminado daquela divindade indeterminada, veja bem onde pode encontrar tudo isso; vai achar facilmente o meio de ficar assim bem pago. Mas a filosofia deve guardar-se de querer ser edificante.” (Hegel, 2000, p. 25). Um pouco mais adiante, ainda no *Prefácio*, diz que a filosofia não pode ser edificante, ou seja, buscar efeitos para o coração, porque neste caso ela ficaria muito insípida e careceria do sério, da dor, da paciência e do trabalho negativo, ou seja, do movimento, do processo da reflexão.

Quando Hegel trata dos assuntos pertinentes à religião e à teologia, principalmente após 1807, com a publicação de *Fenomenologia do espírito*, examina estes temas com o olhar do filósofo, sem se preocupar se eles podem ou não contribuir para a edificação do ser humano. É contra esta perspectiva que Kierkegaard se dirige ao criticar Hegel pela sua aversão ao edificante.

Um pensador constrói um enorme edifício, um Sistema que abraça toda a realidade, toda a história, etc.; mas se alguém observar a sua vida privada, fica pasmo diante da constatação terrível e ridícula de que ele próprio não habita esse colossal palácio de elevadas abóbadas, mas uma pequena dependência, a casinha do cachorro, ou na melhor das hipóteses, o camarim do porteiro! E zanga-se, se alguém ousa uma palavra para lhe fazer notar essa contradição. Pois que lhe importa viver no erro, logo que construa o seu Sistema - graças ao erro no qual ele está (Kierkegaard, 1971, p. 2001).

Se é no *Prefácio à Fenomenologia do espírito* que Hegel critica o edificante quando este se insere no trabalho filosófico, especulativo, é igualmente em um *Prefácio*, em *Doença para a morte*, que Kierkegaard (Anti-Climacus) considera o edificante um conceito importante e decisivo para o homem. Tudo, diz o autor – e, portanto, está incluída a filosofia, a especulação – deve servir de pretexto para edificar. Para Hegel o sério é o especulativo, o difícil e penoso trabalho da razão. Anti-Climacus usa o mesmo termo e o aplica ao edificante: “Mas o sério é, eu vo-lo afirmo, aquilo que edifica.” Hegel é um pensador que tem em vista a edificação de um sistema filosófico, elevar a filosofia à condição de ciência, e Kierkegaard visa,

⁶ “Chegou o tempo de elevar a filosofia à condição de ciência” (Hegel, 2000, p. 23).

como pensador cristão, à elevação do ser humano, enquanto indivíduo, dirigindo-lhe reflexões que possam lhe servir como instrumento de edificação.

Referências

- DROSDOWSKI, G. und GREBE. 1963. *Der grosse Duden*. Mannheim, Bibliographisches Institut.
- HEGEL, G.W.F. 1975. *Lecciones sobre la historia de la filosofía*. Vol. 1, México, Fondo de Cultura Económica.
- HEGEL, G.W.F. 2000. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis, Vozes.
- KIERKEGAARD, S. 1950. *Journal (Extraits) 1834-1846*. Paris, Gallimard.
- KIERKEGAARD, S. 1966. *Oeuvres complètes*. Tome XIV, Paris, l'Orante.
- KIERKEGAARD, S. 1970. *Oeuvres complètes*. Tome IV, Paris, l'Orante. [Ultimatum].
- KIERKEGAARD, S. 1970. *Oeuvres complètes*. Tome XIV, Paris, l'Orante. [La maladie e la morte].
- KIERKEGAARD, S. 1980. *Oeuvres complètes*. Tome XIV, Paris, l'Orante. [Les oeuvres de l'amour].